

DM 33 anos

ANÁLISE

Em tempos de internet e redes sociais, o impresso migra para o opinativo



Simone Tuzzo

Especial para
Diário da Manhã

Em tempos de internet e redes sociais o factual está cada vez mais marcado nas mídias eletrônicas e ao jornal impresso vale os caminhos da reflexão, opinião, crítica e análise do mundo. Ler o mundo e interpretá-lo nunca foi tão importante, pois o efêmero e a quantidade de informações existentes hoje colocam o leitor em condição de não assimilação de tanta informação.

Em agosto de 2012 em um evento na ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo, sobre Ficção, identidade e memória, os Professores Milly Buonanno da Università di Roma e Giovanni Bechelloni da Università di Firenze afirmavam que o fenômeno de mudanças na comunicação não é um privilégio somente do Brasil, mas algo que afeta as estruturas da mídia impressa e eletrônica do mundo inteiro.

O jornalismo é uma ciência ligada à vida, porque aquilo que é notícia só é notícia porque tem algum potencial de transformar a realidade. Então o jornalismo não lida com o efêmero, o jornalismo lida com a transformação.

Vivemos uma era de transformação, onde a própria função do jornalismo é questionada. Não se trata aqui de mero senso comum em acreditar que, por exemplo, os jornais on line substituirão os jornais impressos... Isso me parece muito com os discursos sobre o desaparecimento do rádio a partir do advento da televisão.

O rádio está conosco até hoje, sempre firme, porque soube se readequar às novas realidades sociais que surgiram com a chegada da TV.

O jornal impresso possui seu público, sua função e sobre isso não há questionamentos, mas é claro que a cada nova mídia e a cada novo comportamento social as mídias precisam readequar as suas funções e os seus papéis, pois cada mídia tem o seu formato, a sua dinâmica e nenhuma mídia existe sozinha. Cada nova mídia modifica a anteriormente existente e ela.

O interesse pela notícia sempre foi algo inerente ao ser humano. Antes que o jornal impresso existisse, o interesse pela notícia já era tão antigo quanto a linguagem escrita. Na antiga Roma, o governo do imperador César fundara o Acta Diurna, uma maneira oficial de noticiar os resultados das guerras, dos jogos, da igreja e das atividades políticas.

Tempos depois na era feudal, os trovadores, que eram os poe-

tas do mundo europeu, entre os séculos IX e XII aproximadamente, também exerciam o papel de noticiadores de tudo o que acontecia. A partir do Renascimento comercial e do surgimento de práticas econômicas mercantilistas, há uma expansão na formação de Nações Estados na Europa e de um intercâmbio econômico sedento por informação.

Ao longo dos séculos, porém, ter acesso a informações alheias tornou-se ainda mais importante. Conhecer tornou-se mais significativo, ter ciência de fatos e acontecimentos passou a relacionar-se a vantagens e o trato dos meios comunicacionais enalteceu-se de maneira a destacarmos a mídia como um dos mais importantes organismos da sociedade moderna.

Em virtude de toda essa magnitude e alcance, torna-se claro vislumbrar que a globalização sustenta-se sobre os pilares do capital e da informação, elementos que se inter-relacionam e criam entre si, muitas vezes, relação de dependência.

É possível que a sensação de se saber de um fato absolutamente novo já não passe mais pela esfera poética do jornalismo que gritava euforicamente "extra, extra!" pelas ruas, enquanto os leitores se deliciavam com os fatos quentinhos, saindo das panelas onde se cozinhavam os tipos

móveis metálicos. Hoje o factual está na TV, no rádio e na Internet e quem grita "extra, extra!" são as mídias eletrônicas.

Mas porque então o jornal impresso continua a existir com tanta força? Essa pergunta inquietante nos leva a uma especulação sobre uma nova função do jornalismo impresso. Os produtores de notícia continuam a ter a sua tarefa de explicar aos leitores como se desenvolve o mundo, mas o que está por trás da notícia? O que as entrelinhas escondem?

Falar da função do jornalista também remete a uma ligação direta com o Funcionalismo e a responsabilidade social do jornalismo.

A notícia nós sabemos, mas a leitura de uma análise jornalística é algo que escolhemos a partir de uma seleção criteriosa entre os jornalistas. Em quem confiaremos para nos ajudar a interpretar a sociedade em que vivemos. Não só uma sociedade local, mas regional, nacional, mundial.

O jornalista continua a ser e sempre será um formador de opinião, peça chave no mundo, da mídia para interceder pelos leitores com relação aos fatos. A crítica e a análise transformam a notícia e recriam a verdade. Ajudam a fazer uma seleção de informações.

Um dos grandes problemas da sociedade moderna é a

quantidade de informações. Nunca tivemos tanto acesso, nem por isso somos mais bem informados. Temos os dados, mas, muitas vezes não sabemos interpretar. Ler o mundo.

É inegável o papel relevante da mídia na formação da opinião pública, pelo menos, para grande parte da população. Desde o surgimento da mídia de massa, analistas, estudiosos, pesquisadores se encarregam de estudar os fenômenos midiáticos de recepção e impacto que a TV, o Jornal Impresso, o rádio e, mais recentemente, a Internet desencadeiam na sociedade.

Como não existe formação de opinião sem informação, a discussão sobre o papel da mídia é relevante para as reflexões da opinião pública e da cidadania. Para isso, inegável o olhar sobre o comportamento da mídia impressa, forma clássica de difusão de informação que, em tempos de internet e redes sociais coloca em questionamento o seu papel informativo. Não em um sentido pessimista de diminuição de sua importância, mas em um sentido de transformação de uma sociedade que não carece mais de informação, pelo contrário, nunca a informação foi tão exacerbada na sociedade, mas uma outra necessidade aflora, a da interpretação.

Numa pesquisa realizada com

o jornal Diário da Manhã, de Goiânia em 2012, sobre a ênfase do Jornal impresso a partir das novas mídias e das Redes Sociais, o Diretor, Jornalista Batista Custódio afirmou que: "O jornalismo informativo na mídia impressa é algo secundário hoje. Preciso na Redação de pessoas críticas, reflexivas e analíticas, que interpretem as notícias e saibam como transformá-las em textos opinativos, sem descaracterizá-las, mas, sobretudo, respeitando o leitor e acreditando na grandiosidade da interpretação como mais um dado informativo (Entrevista concedida à autora em 23/11/2012)."

Para reafirmar o posicionamento do Jornal favorável ao gênero opinativo, foi criado o caderno Opinião Pública em janeiro de 2012, com artigos produzidos pela sociedade. Na época do lançamento do caderno, o Jornal Diário da Manhã divulgou o objetivo de abertura do jornal para que a sociedade pudesse expressar as suas ideias e opiniões sobre assuntos diversos, ampliando o espaço opinativo do Jornal, tendo em vista que o factual em tempos de mídia eletrônica passou a ser algo questionável na mídia impressa, dando espaço para um jornalismo analítico, interpretativo e opinativo, num processo, inclusive, de complementação dos assuntos pautados pelas mídias eletrônicas.

Diário da Manhã

A voz da opinião pública.



O DM nasceu do idealismo dos que ousaram fazer um jornal democrático, e se tornou o grande espaço para a livre manifestação da sociedade. Enfrentou desafios, mas se consolidou como o marco da opinião pública.

Mineiros também vence obstáculos, e já inicia um novo ciclo de realizações voltado para a construção do crescimento econômico duradouro e consistente: um excelente lugar para se investir e realizar sonhos!

Homenagem da Prefeitura de Mineiros aos 33 anos do Diário da Manhã.



PREFEITURA DE
MINEIROS
Governo da Transformação

A mídia codificada

A ideia é de que a produção de um jornal não termina quando ele é entregue nas bancas de jornais ou quando é enviado ao endereço de cada assinante. A mensagem não se finda na produção, ou seja, no emissor, mas sim no receptor. O formato é sempre de uma mídia que codifica a mensagem, no caso do Jornal Impresso, esta fonte é a escrita. A leitura é decodificada da mensagem e tanto para a codificação quanto para a decodificação o pensamento ou raciocínio são fundamentais. Quando um jornal publica uma mensagem ele precisa ter certeza de que o leitor irá decodificá-la com facilidade, mantendo o sentido proposto pelo emissor.

Ao criar um caderno onde os leitores podem se expressar, esse processo de "ouvir o leitor" se torna algo ampliado, onde ele não só pode questionar o que foi publicado, mas também criar o seu próprio olhar, recorte e construção da realidade a partir dos fatos cotidianos. No caso do DM, como os artigos opinativos são produções da sociedade e não dos jornalistas, a opinião passa a ser uma produção pelo olhar do receptor, nos mesmos moldes de interação cada vez mais difundidos pelas mídias digitais.

Importante destacar que nesse processo de construção da realidade permeado pela mídia, a função do jornal impresso não se limita aos leitores de jornal, mas balizaram outros veículos e são consumidos por protagonistas sociais que se inter relacionam com públicos diversos, atuando em uma esfera de construção de opinião pública. Na nova Galáxia de Bill Gates em que hoje vivemos o jornal impresso também se apresenta como uma mídia interligada com as mídias eletrônicas, seja pela colocação de seu conteúdo na internet, seja pelo que apresenta na construção dos discursos recriados nessa plataforma.

Comumente a imprensa escrita assume a função de suporte para orientar o uso das outras mídias. Embora pareçam isolados uns dos outros, os meios de comunicação for-

mam uma complexa teia que os conecta, o que contribui relevantemente para a força e representatividade de seus produtos diante da sociedade receptora. A articulação entre os meios permite a legitimação da informação que divulgam.

Poderíamos questionar se na sociedade moderna, com o advento de várias outras mídias eletrônicas e sociais, o Jornal Impresso ainda seria um veículo forte, de penetração e de sentido para as referências cotidianas. A nossa resposta seria: sim!

Justamente pela sua natureza não efêmera, o impresso oferece dados e julgamentos que ajudam o consumidor da cultura de massa a tomar decisões cotidianas. Isso significa selecionar informações ou formar opinião sobre os protagonistas dos espetáculos sociais. Apesar de ser restrito ao público leitor de jornais, devemos lembrar que esses meios funcionam como mediadores entre as elites e a sociedade, principalmente através dos líderes de opinião, que influenciam os grupos minoritários onde estão integrados. Além disso, a imprensa constitui fonte de informação decisiva para alimentar os programas de rádio, permitindo assim que notícias sobre a Indústria Cultural sejam ampliadas para as camadas que não sabem ler ou que não cultivam a prática da leitura.

Na sociedade moderna tudo aquilo que não está na mídia não existe. Nesse sentido os formadores de opinião, que podem ser, a princípio, qualquer pessoa que pertença à sociedade e que tenha uma liderança junto a um determinado grupo social, se caracterizam como determinantes no processo de transmissão de informação, pois eles serão capazes de adjetivar uma informação, modificando o seu caráter do informativo para o opinativo, muitas vezes, sem que os receptores percebam.

Os formadores de opinião, ou seja, pessoas que têm a oportunidade de expressar publicamente o seu ponto de vista sobre algo ou membros da família como os pais se constituem líderes de opinião, além de artistas,

professores, líderes religiosos, atletas, socialites ou líderes de classe, como empresários, advogados, médicos, ou líderes sindicais podem exercer influência sobre aquilo que uma pessoa ou um determinado grupo de pessoas pensa ou deva pensar.

A opinião pública não é a expressão da massa, mas, a visão daqueles que podem ter expressão na massa. A partir das exposições da mídia, por exemplo, são extraídas da massa as ideias que ela conseguir articular, e re-colocadas na mídia como reafirmação daquilo que grupos minoritários e articulados, inclusive no tocante à política, desejam que se acredite ser a opinião de toda a sociedade.

Os gritantes silêncios da imprensa podem ser mais poderosos do que os gritos isolados de pessoas que não tem canais de propagação de suas ideias.

Assim, ao longo da existência dos meios de comunicação de massa, o que vemos é sempre um conjunto de pessoas que se caracterizam como difusores de informação, criam conteúdos para consumo de uma sociedade e não o oposto. Os meios de comunicação de massa produzem informação, entretenimento, programação midiática e os diversos públicos e a massa os consomem.

Na sociedade moderna, com a massificação dos meios eletrônicos, o questionamento é a função do jornal impresso, que na sua essência parte do gênero informativo, mas que se vê numa posição de repensar a sua função a partir desse gênero estor sendo cada vez mais apropriado às mídias eletrônicas e hoje migra, com força e propriedade para a análise, a reflexão, interpretação e opinião.

O jornalista crítico, opinativo, reflexivo e analítico lê o mundo e refaz a História da Vida, e é esse o seu principal papel, hoje e sempre!

(Simone Antoniaci Tuzzo é Doutora em Comunicação pela UFPA, Professora Efetiva do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM da Faculdade de Comunicação e Bibliotecologia da Universidade Federal de Goiás, simonetuzzo@ufg.br)